

O legado de Carl Rogers

Temporada 2

Episódio 3

Exercícios de atitudes ou técnicas?: Psicoterapia e Relações Humanas – Volume 2

Dr. Paulo Coelho Castelo Branco

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC;

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da UFBA;

Pós-Doutorando em Psicologia pela UFMG;

Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista (apoio CNPq e FAPESB).

Estrutura geral do episódio

- Parte 1: análise externalista da obra em seu contexto e relevância;
- Parte 2: análise internalista da obra e dos aspectos questionados para entender sua proposição formativa.

Parte 1

Análise externalista da obra para entendê-la
em seu contexto e proposição

A concepção da obra (anos de 1950)

- Rogers já consolidado e ícone da psicoterapia;
- Publicação de dois volumes sobre a “teoria e prática da terapia não diretiva”;
- É importante ler o Vol.2 em articulação com o Vol.1. Se ficar somente na leitura do Vol. 2, por si próprio, há poucos indícios para entender as características e relevância do texto, além do seu contexto.
- Por isso, é preciso pensar a obra em articulação com o Vol.1, com o que Rogers estava deparando e teorizando no momento e com a sua relação com Sigmund Koch, Joseph Nuttin e Marian Kinget;

Sigmund Koch (1917-1996)

- Estudioso e organizador das teorias e sistemas em Psicologia do século XX, pelas influências de Lewin e Köhler;
- Em 1952: estudo encomendado pela APA: “*Psychology: a Study of a Science*”;
- Seis volumes organizados e publicados entre 1959 e 1963;
 1. V1: estudos sensórios, motores e perceptivos;
 2. V2: aprendizagem;
 3. **V3: formulações sobre as relações entre pessoa e sociedade;**
 4. V4: relações entre Psicologia e Biologia;
 5. V5: processos pessoais em campos aplicados;
 6. V6: relações entre Psicologia e Sociologia;


Sigmund Koch e Carl Rogers (1902-1987)

- **Vol. 3:** Theodore M. Newcomb: relações interpessoais; Henry Murray: personalidade; **Carl R. Rogers: humanismo.**
- Rogers, C. (1959). A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the cliente-centered framework. In: S. Koch (Ed.). *Psychology: a study of a Science* (V. 3 – Formulations of the person and the social context ; pp. 184-256). New York: McGraw-Hill.
- Concessão dos direitos autorais à editora;
- Liberações para *Carl Rogers Reader* e para a obra organizada por Kinget.

Godelieve Marian Kinget (1910-1997)

- Belga, mestre (1943) e doutora (1947) em Psicologia e Educação na Universidade de Lovânia, sob a orientação de Joseph Nuttin;
- Migração e pós-doutorado nos EUA (1948) para estudar aconselhamento psicológico na Universidade de Chicago, sob a orientação de Carl Rogers;
- 1952: Professora de Psicologia da Universidade Estadual de Michigan;
- 1957: naturalização estadunidense;
- 1981: professora emérita da Universidade Estadual de Michigan;
- Filiada ao movimento de Psicologia Humanista;
- É creditada como a primeira psicóloga com um curso formal em Psicologia Humanista.

Concepção da obra

- Relação de Kinget com a Universidade de Lovânia;
 - Disseminação do curso de formação em psicoterapia não-diretiva ou centrada no cliente;
 - Tradução do texto de Rogers (1959) para o francês;
 - Inclusão na Coleção “Studia Psychologica”, sob a Direção de Josephe Nuttin, na Universidade de Lovânia, sob o título de **“Psychothérapie et relations humanies: théorie et pratique de la thérapie non-directive”**, em **1960**;
 - Publicação em dois volumes (um tomo teórico e outro prático);
 - Vol1: primeira parte (O método não diretivo - Kinget); segunda parte (Teoria e pesquisa - Rogers). A segunda parte se trata de uma tradução do capítulo de Rogers (1959), publicado no volume 3 do livro organizado por Koch.
- 
- Rogers, C. (1959). A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the cliente-cetered framework. In: S. Koch (Ed.). *Psychology: a study of a Science* (V. 3 – Formulations of the person and the social contexto; pp. 184-256). New York: McGraw-Hill.

Concepção da obra

- Vol 2: lições e exercícios da prática rogeriana extraído dos estudos de Kinget sobre Rogers e os seus atendimentos clínicos e dos seus colaboradores, e práticas formativas de role play. Todos os comentários são de Kinget.
- Essa obra não foi publicada nos EUA, por questões de direitos autorais, mas circulou na Bélgica, França, Holanda, Espanha e Brasil.
- **Rogers entrou como autor da obra em seus dois volumes, mas não escreveu nada no volume 2:**
- Argumento (A) 1: atenção para linguagem e gramática no texto;
- A2: possível creditação a Rogers pela sua supervisão PD, pelo capítulo no Volume 1, pela sua fama e por ceder material clínico para a organização e comentários de Kinget;
- A3: a obra, em seus dois volumes, não está creditada nos índices e referências de publicações *de* e *sobre* Rogers em sua autobiografia e biografia. Problema autoral;

Recepção e Circulação no Brasil

- Parcial: primeira tiragem em 1975 e segunda em 1977, pela extinta Interlivros;
- Algumas obras de comentadores do volume 2:
 1. Mucchielli, Roger. (1978). *A Entrevista Não-Diretiva*, São Paulo: Martins Fontes;
 2. Rudio, Franz Vitor. (1980). *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*. Rio de Janeiro: Vozes.
 3. Holanda, Adriano. (2009). A perspectiva de Carl Rogers acerca da resposta reflexa. *Revista do NUFEN*, 1(1), 40-59.
- A questão dos exercícios clínicos não vigorou muito no Brasil, provavelmente em razão de recepções críticas a este legado, as quais (re)pensavam as atitudes rogerianas e o seu aprendizado por outras sendas mais experienciais (grupos de encontro, *workshops* e versão de sentido), reflexões fenomenológicas (ex: Epoché, Técnica X Técnica) e posturas dialógicas e existenciais (ex: Eu-Tu X Eu-Iso, Fala Autêntica, Encontro).

Parte 2

Análise internalista da obra para entendê-la em sua relevância e proposição formativa

ÍNDICE

| | | |
|----------------------|---|------------|
| CAPITULO I: | Além das Técnicas | 9 |
| CAPITULO II: | A Prática das Atitudes | 19 |
| | 1 — Exercício A | 20 |
| | 2 — Exercício B | 27 |
| | 3 — Exercício C | 36 |
| CAPITULO III: | A Resposta-Reflexo | 53 |
| | Modalidades do reflexo | 63 |
| | 1 — A reiteração | 64 |
| | 2 — O reflexo do sentimento | 67 |
| | 3 — A elucidação | 83 |
| CAPITULO IV: | Como Conduzir a Entrevista | 89 |
| | 1 — A entrevista preliminar | 90 |
| | 2 — Estruturar a relação | 93 |
| | 3 — Estruturação explícita | 95 |
| | 4 — Estruturação implícita, operacional | 106 |
| CAPITULO V: | Análise da Interação e do Processo (o caso da Senhora Vib) | 121 |
| | 1 — Descrição | 128 |
| | 2 — Análise | 132 |
| | 3 — Avaliação | 152 |
| | 4 — Reorganização | 175 |
| CAPITULO VI: | A Transferência e o Diagnóstico | 189 |
| | I — A transferência | 190 |

| | |
|--|-----|
| 1 — Atitude de transferência: sim — relação de transferência: não | 192 |
| 2 — A relação de transferência enquanto reação ao comportamento do terapeuta | 194 |
| 3 — Desaparecimento das atitudes de transferência | 202 |
| 4 — Um caso extremo | 203 |
| II — O diagnóstico | 207 |
| 1 — O problema | 207 |
| 2 — Lógica da posição rogeriana com relação ao diagnóstico | 210 |
| 3 — Riscos do uso do diagnóstico psicológico | 212 |
| CONCLUSÃO | 214 |
| INDICE REMISSIVO | 215 |

Conclusão

Concluindo a parte prática deste livro, parece particularmente indicado recordar o que constitui o mérito e a originalidade da obra de Rogers.

Os valores e ideais que inspiram sua obra nada têm de novo. Quer os chamemos pelo nome de "consideração positiva incondicional", de "liberdade, igualdade e fraternidade", de "justiça e caridade"; de "respeito pela dignidade e integridade da pessoa humana" ou por outros títulos clássicos e humanistas, estes valores foram reconhecidos por gerações de homens como marcos milenares na rota do progresso humano. Estes valores nos são, pois, relativamente familiares, pelo menos enquanto noções, e nós gostamos de invocá-los quando a ocasião se presta a isso, isto é, em circunstâncias suficientemente solenes. Assim, o mérito específico de Rogers não reside no fato de ter reconhecido a importância destes valores, nem mesmo no fato de tê-los incorporado à psicologia moderna, teórica e aplicada. O mérito e a originalidade de sua obra é de ter dado a estes valores formas concretas, observáveis, comunicáveis e suscetíveis de serem integradas efetivamente nas mais variadas situações e condutas inter-humanas.

É este aspecto de sua obra que procuramos evocar e comunicar no Volume II deste livro.

Capítulo 1 - Além das técnicas

- Apresenta o norte de como ler o Volume 2;
- “A afirmação de que não existem técnicas rogerianas, por **paradoxal** que seja, não deixa de exprimir uma característica primordial dessa prática terapêutica tal como Rogers a concebe. Para ele, o terapeuta deve se esforçar, tão plenamente quanto possível, em **se conduzir como pessoa – não como especialista**. Seu papel consiste em **pôr em prática atitudes e concepções fundamentais relativas ao humano – não na aplicação de conhecimentos e de habilidades especiais, reservados exclusivamente a seus contatos terapêuticos**”. (Rogers & Kinget, 1960/1977, p. 09, grifos meus).
- Não basta saber e possuir as três atitudes, é preciso expressá-las de forma eficiente para o outro (p. 09).
- Problema: uma terapia desprovida de técnica não é instrutiva (p. 10).
- É preciso, também, articular a prática com a sua teoria (p. 11).

Capítulo 1 - Além das técnicas

- “Como ensinar uma terapia baseada em atitudes e não técnicas?”. Reconhecendo as suas formas características na relação e comunicação interpessoal, de modo a articulá-las com os princípios que as apoiam e as validam. (p. 11).
- Proposição de ensinar modos de praticar a abordagem não-diretiva (valores e atitudes).
- A1: reconhece a dificuldade de ensinar as atitudes rogerianas, porém busca apontar o seu sentido. Atitude não é uma qualidade inata, mas é o resultado de uma aprendizagem por “contágio social”. (p. 10-11).
- A2: apresenta um material selecionado a partir de dados extraídos de atendimentos de Rogers e dos seus colaboradores. Com base nisso, organiza um **prepractium**: um programa de formação terapêutica baseado em lições, exemplos, exercícios e comentários. A finalidade é despertar reflexões sobre o que constitui a prática centrada na pessoa e o que ela não é. (p. 11).

Capítulo 1 - Além das técnicas

- A3: O **prepracticum** deve ser situado em seminários entre a teoria e a prática supervisionada (**practicum**) para formar terapeutas não diretivos. Neste “entre” deve constar audições de atendimentos, leituras, exercícios clínicos, análise de casos e de atendimentos, conversas com terapeutas mais experientes e práticas relacionais. (p. 11).
- A4: uma ênfase disso se dá pelos **aspectos comunicacionais** que acontecem na relação e as repostas de clínicos para ponderar os seus méritos e deméritos terapêuticos. (p. 11).
- A5: após essa prática, recomenda-se exercícios de *role play* entre os estudantes que assumem papéis de terapeuta e cliente, para ulterior análise da interação. **Isso serve para os estudantes conhecerem melhor os seus traços de personalidade e suas tendências terapêuticas.** (p. 12).

Capítulo 1 - Além das técnicas

- A6: a finalidade é que o terapeuta: (1) torne-se um ressoador e amplificador da experiência e o que sucede dela; (2) questione-se sobre a real expressão das palavras do outro; (3) perceba suas predileções relacionais e clínicas; (4) aprenda a se comunicar de forma terapêutica; (5) aprenda a responder não ao conteúdo do que é dito, mas ao sentido da experiência no presente imediato e o seu significado emergente; (6) aprenda a harmonizar as três atitudes que lhe concernem na relação, por meio verbal e não-verbal - porém, reconhece-se um limite aqui. (p. 13).
- A7: o exercício de respostas não objetiva tecer: um questionário de certo ou errado; exemplos a serem copiados ou imitados. Trata-se do leitor apre(e)nder seus valores e necessidades terapêuticas ante o que o cliente lhe demanda. É importante que, a partir disso, cada terapeuta desenvolva e figure o seu próprio estilo e veja se aproxima dos valores da abordagem. (p. 13-14).

Capítulo 1 - Além das técnicas

- A8: reconhece-se que pode haver um estranhamento nos exercícios, que eles podem soar confusos ou complicados, que a prática pode parecer artificial (o que é), mas se trata de uma proposta de terapia que está validada e amparada por princípios teóricos e relacionais. Apesar disso, a abordagem rogeriana não é para todos. (p. 17).
- A9: seu aprendizado não precisa ocorrer de forma perfeita. Pode ser inicialmente desengonçada, mas vai se aprimorando pela prática. (p. 17-18).
- A10: trata-se de aprender a “sintonizar um canal de rádio e ressoar nele”. (p. 18).

Capítulo 2 – A prática de atitudes

- Foco em saber comunicar verbalmente as atitudes de consideração positiva incondicional e compreensão empática (p. 19).
- Exercício indutivo (p. 20): apresentação dos dados, escolha de um ponto de vista (resposta = reação) e ponderação se ele se aproxima do ponto de vista rogeriano. Pode-se enumerar as repostas/reações a partir dos seus valores de preferência pessoal.
- Categoria de respostas e fatores terapêuticos (p. 25):
 1. Estimativa;
 2. Interpretativa;
 3. Tranquilizadora;
 4. Exploradora;
 5. Compreensiva.

Capítulo 2 – A prática de atitudes

- **O sentimento – não os fatos (p. 34);**
- **“sentimentos”** engloba experiências de natureza emocional ou afetiva (vergonha, alegria, tristeza, prazer, inquietação etc.) e tudo que se apresenta e se expressa a partir e pela percepção do cliente (intenções, impressões, crenças, atitudes etc.);
- **“fatos”** se refere a elementos secundários aos sentimentos, que são materiais ou sociais, mas servem de contexto ou veículo (meio) para os circunscrever os sentimentos.
- O terapeuta rogeriano não se atém aos fatos, mas aos sentimentos que impregnam a comunicação na relação. Por isso, deve-se aceitar as palavras do indivíduo, abstendo-se de discuti-las em seu conteúdo e fatos.

Capítulo 2 – A prática de atitudes

- **A pessoa – não o problema (p. 38-39).**
- Uma coisa é tecer respostas/reações centradas na pessoa (dirige-se ao sentimento imediatamente experimentado), outra é responder/reagir centrado no problema (dirige-se ao conteúdo ou o fato);
- A modificação da percepção e atitude do cliente ante o problema que o acomete, se dá pelo curso de sua experiência e não pelo discurso que incide nela ou emerge dela. (p. 41).

Capítulo 2 – A prática de atitudes

- **A consideração – não a perspicácia (p. 45-46);**
- Responde-se/reage-se a experiência e não ao seu conteúdo, para que os sentimentos e outros elementos tácitos venham à tona, ao invés de serem diminuídos por julgamentos (do terapeuta e do cliente);
- Exemplo do cliente que questiona se o terapeuta é doutor (p. 46).

Capítulo 3 – A resposta - reflexo

- É a mais característica da abordagem rogeriana (p. 53).
- Aprofundamento da compreensão empática;
- “Refletir consiste em resumir, parafrasear ou acentuar a comunicação manifesta ou implícita do cliente – levando em conta as regras assinaladas no capítulo II”. A finalidade deste tipo de resposta é satisfazer uma das condições necessárias e suficientes da terapia, expostas no Volume I, capítulo IX” (p. 53).
- Há uma simplicidade e uma complexidade. Não se trata somente de repetir e ecoar, mas ressoar. Facilitar uma tomada de consciência autônoma da experiência vivida em seu momento atual (p. 54).
- Há meios para ser empático sem ser mecânico (p. 54).

Capítulo 3 – A resposta - reflexo

- Modalidades de reflexo (p. 63-67);

1) Reiteração ou reflexo simples (p. 64 e p. 67): resumo da expressão comunicacional do cliente, de modo assinalar um elemento relevante (para posteriormente ser respondido). Pode consistir em tentar reproduzir o que foi dito de modo a descrever a substância sentimental que está inerente ao conteúdo da fala. Facilita a sensação do cliente se sentir compreendido no que sente, pensa, fala e faz.

2) Reflexo do sentimento ou reflexo propriamente dito (p. 67): foca o sentimento em tela que foi apreendido, de modo a elucidar a sua intenção (o que se figura em termos de busca por autorrealização, por exemplo). As palavras servem para proporcionar a figuração de um fundo experiencial que deve ser com-partilhado (comunicado) em seus sentidos e significados. Procura ampliar, diferenciar e deslocar o centro da percepção para evidenciar os aspectos do campo fenomenológico do cliente sobre a sua experiência, então eclipsada (eu ideal, incongruência, rigidez perceptual, reações à ameaça etc.). (p. 83).

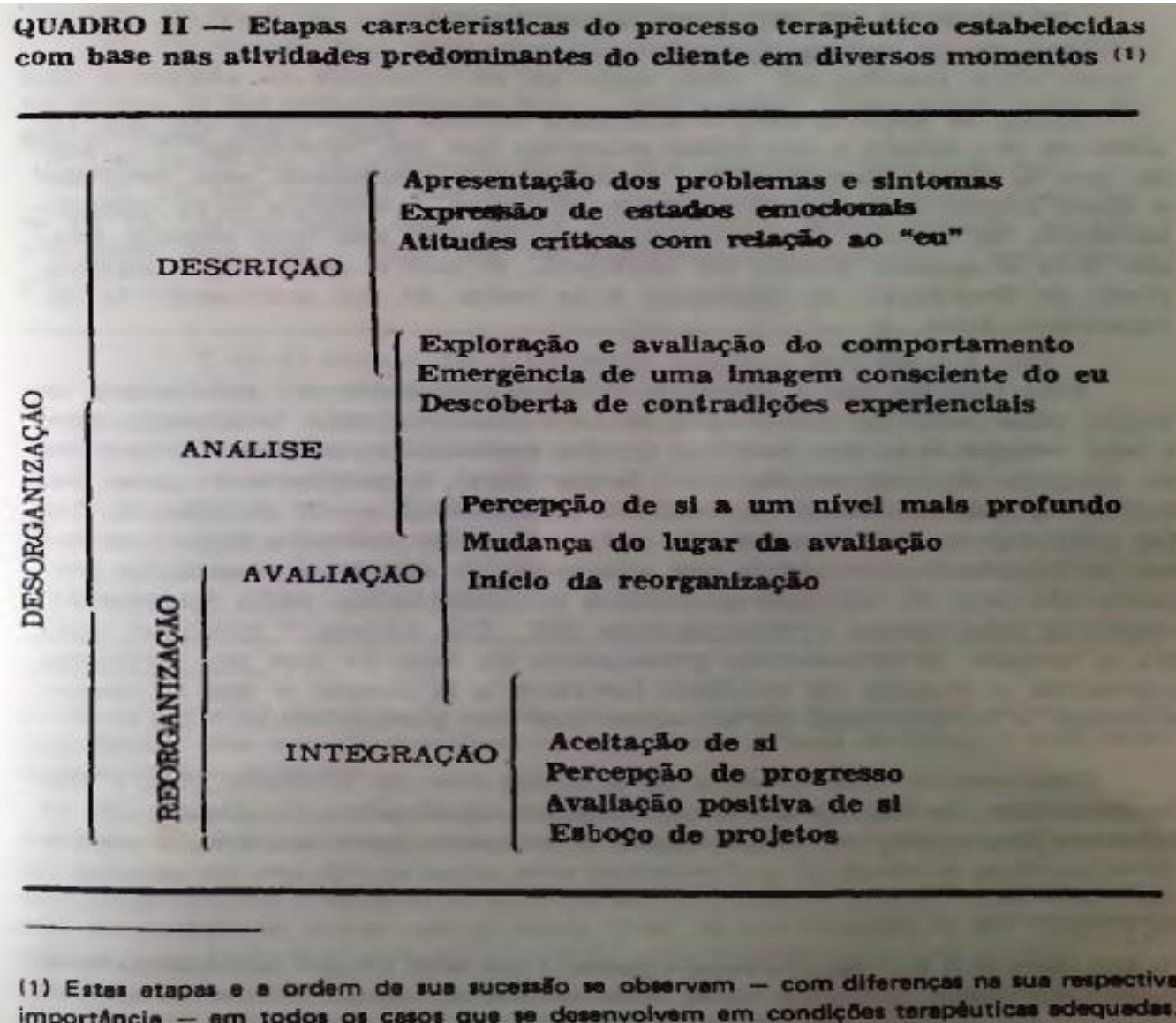
Capítulo 3 – A resposta - reflexo

3) Elucidação - reconhecimento do sentimento, reflexão e clarificação (p. 63 e 83): visa a evidenciar os sentimentos atuais em relação ao que se passa na experiência, pós-reflexo do sentimento. Evidencia os sentimentos, atitudes e expressões que decorrem não diretamente da fala, mas da experiência e do que decorre diretamente dela (simbolizações, mudanças de percepções, intenções e comportamentos), sem a intervenção de conhecimentos psicodinâmicos especializados.

- a. É um pensamento manifesto e pode incorrer em interpretações da experiência, mas não há uma ameaça a tendência atualizante do cliente, pois elas decorrem de sua experiência. As repostas/reações partem daqui por diante. Podem incorrer influxos. (p. 84).
- b. Ocorre que a elucidação vai se afastando da experiência, pois ela passa a se manifestar por falas e intelecções sobre o vivido.
- c. Assim, a elucidação passa a se aproximar de uma interpretação da experiência e deve-se tomar cuidado para não perder os fluxos de sentimentos.

Capítulo 4 – Como conduzir a entrevista

Capítulo 5 – Análise da interação e do processo (o caso da Srta. Vib)



Capítulo 6 – A transferência e o diagnóstico

- **Transferência** (p. 190): deslocamento do sentimento de um objeto para outro. Neste caso, o cliente transfere para o terapeuta sentimentos aplicáveis a outra pessoa. Alude a padrões relacionais que o cliente traz, expressa e pode atualizar na relação terapêutica.
- Fenômeno comum e recorrente. Cabe ao terapeuta estabelecer atitudes que respondam ao sentimento expresso na transferência sobre a sua pessoa; e não se identificar com elas ou se prender aos seus conteúdos (p. 191).
- O terapeuta rogeriano intervém sobre a **experiência de transferência sem adentrar de onde ela provém** (tendências infantis, passado, inconsciente psicossexual, falta etc.).

Capítulo 6 – A transferência e o diagnóstico

- **Atitude de transferência sim, - relação de transferência: não.** (p. 192).
- Essa atitude implica em contra-transferir de forma consciente e sem se identificar. Tem uma finalidade de resposta terapêutica (por ex: resposta exploratória sobre uma situação ou conteúdo para em seguida compreender o sentimento subjacente).
- Exemplo: caso Gloria.
- Logo: “(...) o terapeuta rogeriano reage às manifestações de transferência do mesmo modo pelo qual reage a qualquer outra atitude do cliente: ele se esforça para compreender e aceitar; compreender não no sentido intelectual, mas no sentido empático do termo e aceitar, não no sentido de aprovar, mas no de admitir sem julgar” (p. 198).
- Com isso, o cliente fundamenta a sua atitude/origem transferencial não mais no terapeuta em si, mas em sua experiência. Com o avanço terapêutico, a transferência tende a desaparecer.

Capítulo 6 – A transferência e o diagnóstico

- **O Diagnóstico:** implica em uma avaliação do problema, da personalidade e da experiência do cliente? (p. 207).
- Para a terapia rogeriana, não é uma condição, mas isso existe como fenômeno clínico. Contudo, a psicoterapia não se baseia exclusivamente no diagnóstico. (p. 208).
- Raízes na tradição médica: toda doença tem elementos orgânicos; é um efeito de causas precedentes; estes, se identificados (sintomatologia), podem ser ordenados (classificados) em um quadro explicativo e descritivo da experiência. (p. 208).
- Isso é um ofício clínico. Quando se descobre a afecção, indica-se tratamentos psicofarmacológicos e psicoterapêuticos, que são outros ofícios. (p. 209).
- Na lógica tradicional, a cura se dá pela descoberta dos sintomas, diagnóstico e tratamento para reduzir a manifestação dos sintomas. (p. 209).

Capítulo 6 – A transferência e o diagnóstico

- **O diagnóstico é um tipo de interpretação intelectualizada e transferência do terapeuta ao cliente.** (p. 209).
- O próprio Rogers no início da carreira desenvolveu e aplicou princípios diagnósticos em crianças-problema (p. 209). Entretanto, apesar de reconhecer o sucesso disso, concluiu que, no aconselhamento e na psicoterapia, é paliativo e superficial, pois **não enfoca os sentimentos do cliente.**
- Além disso, coloca o terapeuta num patamar acima do cliente de conhecedor do que acontece com ele (p. 210). Isso gera um risco de tirar a responsabilidade do cliente de lidar com o que acontece com ele (p. 212), tornando-o submisso ao terapeuta (suas estimativas e interpretações).
- Retira, também, o *lócus* de avaliação da experiência do cliente para o terapeuta (p. 212).

Capítulo 6 – A transferência e o diagnóstico

- **Lógica da posição rogeriana com relação ao diagnóstico** (p. 210-211).

1. Todo comportamento tem uma causa psicológica e deriva de percepções a partir de um campo fenomenológico, consciência e experiência;
2. Somente o cliente tem o acesso e conhecimento completo dessa dinâmica;
3. Para mudar um comportamento, deve-se mudar a percepção do que se é experimentado. Uma interpretação intelectual do conteúdo não basta para isso.
4. Com esse tipo de modificação de percepção e reorganização do eu, estabelecem-se novas aprendizagens e funcionamentos a partir da experiência.
5. A terapia provoca tomada de consciência dos modos de funcionamento e percepções que são inadequados para o cliente; e o aprendizado de modos de percepção mais corretos.
6. A própria terapia é um processo diagnóstico que se desenvolve *da, pela e na* experiência do cliente, não no pensamento clínico.

Considerações finais

- Tornar-se terapeuta não diretivo é, também, encontrar o seu estilo pela sua experiência;
- Kinget encontrou o dela a partir de uma análise sobre Rogers.
- O Volume 2 da obra trata, portanto, do modo que Kinget encontrou para operacionalizar uma formação clínica baseada na abordagem rogeriana.
- Na década de 1960-1980, Rogers, posteriormente, encontrou outras formas mais experienciais, diretas e menos sistemáticas para formar terapeutas pelos grupos de encontro e *whorkshops*.
- Talvez, por isso, ele não creditou os dois volumes como uma obra sua nos EUA, apesar de sua posterior circulação nos anos de 1960-1970, em outros países. Neste período ele já estava aposentado da vida acadêmica e em outra lógica de formação e atuação.
- Portanto, apesar da creditação autoral a Rogers, deve-se entender o Volume 2 como uma obra de Kinget sobre Rogers.
- Rogers, decerto, deu vênua para Kinget. Assim, como deu para outros seguidores que desenvolveram o seu estilo clínico. Neste ponto, ele não foi rígido.

Considerações finais

- O mérito de Kinget foi sistematizar uma teoria e prática da abordagem rogeriana para formar terapeutas a partir de atitudes e valores não diretivos.
- Hoje, nós temos outras possibilidades formativas locais.
- É possível conciliar ambas as vertentes: exercícios de atitudes a partir de um programa de lições (explicações, exercícios e análises) e de uma imersão experiencial relacional mais direta. Embora contrastantes, ambas não precisam ser excludentes, pois se tratam de legados formativos rogerianos.

Fontes consultadas

- Aanstoos, C. (1997). G. Marian Kinget: 1910-1997. *The Humanistic Psychologist*, 25(1), 116–118. <https://doi.org/10.1037/h0101493>
- Castelo Branco, P., & Cirino, S. (2017). Recepção e Circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil. *Revista de psicologia (Santiago)*, 26(2), 106-117. <https://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2017.47954>
- Freeman, K. (1996). Sigmund Koch, Psychologist And Philosopher, Dies at 79. <http://www.nytimes.com/1996/08/14/us/sigmund-koch-psychologist-and-philosopher-dies-at-79.html>.
- Gomes, W. B. (2021). Pluralidade de objeto versus pluralismo de concepções em teorias psicológicas. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 38. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.25462>
- Rosenweig, M., Houtzman, W., Sabourin, M., Bélanger, D. (2000). *History of the international union of psychological science*. Philadelphia, PA: Taylor & Francis.
- Kirschenbaum, H. (2007). *The life and work of Carl Rogers*. Herefordshire, United Kingdom: PCCS Books.
- Koch, S. (Ed.). (1959-1963). *Psychology: A Study of a Science* (Vols. 1-6). New York: McGraw-Hill.
- Rogers, C., & Kinget, M. (1977a). *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. (Vol. 1., M. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1960).
- Rogers, C., & Kinget, M. (1977b). *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. (Vol. 2., M. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1960).
- Rogers, C. & Russell, D. (2002). *Carl Rogers: the quiet revolutionary - an oral history*. Roseville, California: Penmarin Books.